



Diálogo entre Edith Stein e William Stern: Pessoa como fundamento da Psicologia

Dialogue between Edith Stein and William Stern: Person as the foundation of Psychology

Carolina de Resende Damas Cardoso^[a], Marina Massimi^[b]*

^[a] Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

^[b] Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil

Resumo

O artigo trata-se de uma pesquisa em história da psicologia que teve por objeto o estudo histórico conceitual do conceito de Pessoa em algumas obras de dois autores que se destacaram no contexto alemão do início do século XX: Edith Stein (1891–1942) e William Stern (1871–1938). Entre os dois autores existem semelhanças no que diz respeito aos tópicos estudados e também uma precisa relação histórica destacada em suas biografias: Stern lecionava psicologia em Breslau e Stein frequentou suas aulas como aluna em 1911–1912. Contudo, as pesquisas que retomam a relação teórica entre ambos são escassas. Nesse sentido, o objetivo do artigo foi retomar o percurso por meio do qual

* CRDC: Doutorado, e-mail: cmrdc@hotmail.com

MM: Doutorado/professora titular, e-mail: mmassimi3@yahoo.com

ambos propuseram suas análises a respeito da constituição do objeto psíquico, bem como as implicações dessas definições para a psicologia. Foram utilizadas como fontes primárias as edições em língua alemã, espanhola e inglesa das obras de Edith Stein e de William Stern. O ponto principal de encontro é a proposta de fundamentação da psicologia a partir do conceito de Pessoa. As definições divergem, mas o ponto de partida é compartilhado: as preocupações com a redução da ciência da alma ao mecanicismo das ciências naturais. Não há como separar a psicologia da filosofia sem reduzi-la, por um lado, ao naturalismo cientificista (representado atualmente pelo campo das neurociências) e, por outro, às ciências humanas (hoje orientadas pelos movimentos pós-estruturalistas relativistas). Somente uma elaboração filosófica (rigorosa) do conceito de Pessoa poderá integrar natureza e cultura sem reduzir uma à outra e fornecer à psicologia uma fundamentação válida e autonomia no diálogo com as demais ciências naturais ou culturais.

Palavras-chave: Edith Stein. William Stern. Conceito de Pessoa. Psicologia.

Abstract

The present research was realized in accordance with the history of psychology field. Its object was the conceptual and historical study of the concept of Person in some works of two German intellectuals from the beginning of the 20th century: Edith Stein (1891–1942) and William Stern (1871–1938). Between the two authors there are similarities in respect to the topics they've studied and also a precise historical relationship highlighted in their biographies: Stern taught psychology in Breslau and Stein attended his classes as a student in 1911–1912. Nevertheless, researches that take up the theoretical relationship between the two are scarce. In this sense, the objective of the article was to return to the path through which both proposed their analysis regarding the constitution of the psychic object, as well as the implications of these definitions for psychology. The German, Spanish and English editions of the works of Edith Stein and William Stern were used as primary sources. The main point of encounter between both is the proposal of foundation of the psychology from the concept of Person. If the definitions diverge, however, the starting point is shared: concerns about the reduction of soul science to the mechanics of the natural sciences. Edith Stein and William Stern warn us of a timeless truth about this science: there is no way to separate it from philosophy without reducing it, on one hand, to scientific naturalism (currently represented by neurosciences), and, on the other hand, to the human sciences (now oriented by relativist, post-structuralist movements). Only a rigorous philosophical elaboration of the

concept of Person can integrate nature and culture without reducing one to the other and, therefore, provide to Psychology a valid foundation and autonomy in the dialogue with the other natural or cultural sciences.

Keywords: *Edith Stein. William Stern. Concept of Person. Psychology.*

Introdução

O presente artigo teve como objetivo apresentar uma discussão acerca do objeto psíquico segundo dois autores alemães do início do século XX, cujas produções científicas e filosóficas voltaram-se para a problematização da nova ciência psicológica. Entre os dois autores também existe uma precisa relação histórica destacada em suas biografias: Stern lecionava psicologia em Breslau e Stein frequentou suas aulas como aluna em 1911 e 1912. As pesquisas que contemplam as relações teóricas entre Edith Stein e William Stern são, contudo, escassas. Manganaro e Nodari (2014) apontam para a necessidade de aprofundamento de pesquisas que retomem a temática do diálogo teórico entre ambos e, nesse sentido, este artigo busca contribuir para o preenchimento da lacuna.

O período pré-fenomenológico de Edith Stein

Edith Stein (1891–1942) tecera uma forte crítica à psicologia quando, antes de concluir seus estudos em Breslau, abandonara a formação psicológica para se dedicar ao estudo da fenomenologia com Husserl. Até então, a autora havia estudado psicologia com William Stern (1871–1938) na Universidade de Breslau, em 1911 e 1912 e planejava obter o doutorado com ele. Foi em uma das aulas de Stern que Stein entrou em contato com a obra de Husserl, *Investigações Lógicas*. Impulsionada pelos apontamentos do autor, ela decide estudar um

semestre em Göttingen com ele — mais tarde, completará seus estudos em fenomenologia, ao invés de voltar para Breslau. Em suas palavras (STEIN, 1964/2002, p. 331, tradução nossa):

Todos os meus estudos de psicologia me haviam convencido de que esta ciência era infantil; que faltava o fundamento necessário de ideias básicas claras, e que esta mesma ciência era incapaz de elaborar estes pressupostos. Ao contrário, o que até o momento conhecia de fenomenologia havia me entusiasmado, porque consistia fundamental e essencialmente num trabalho de esclarecimento e porque, desde o princípio, ela mesma havia forjado os instrumentos intelectuais de que necessitava.

Ainda assim, alguns autores (PAOLINELLI, 2001; SAWICKI, 2000; MANGANARO; NODARI, 2014) consideram que William Stern teve um importante papel na formação intelectual de Stein. Sawicki (2000) sugere que o apêndice do texto de Stein sobre Causalidade Psíquica, intitulado “Sobre a possibilidade de uma dedução das categorias psíquicas partindo da ideia de uma psicologia exata”, faz alusões ao trabalho que Stern publicara em 1906 (primeiro volume de *Person und Sache*) sem, contudo, citá-lo diretamente. Sabe-se pela própria descrição de Stern (1930), sobre sua tentativa de superar modelos dicotômicos na psicologia, sejam baseados em tradições empíricas *versus* aquelas de raízes idealistas. Para Sawicki (2000, p. XIV, tradução nossa), o Personalismo Crítico de William Stern fora a “primeira inspiração” de Edith Stein. Além disso, ela destaca a ênfase no realismo e a preocupação com a caracterização de pessoas reais; a tentativa de conciliar tendências meramente naturalistas da consideração do objeto psíquico com aquelas que possuem em conta a constituição cultural do mesmo. Pode ser citada também a aproximação com uma concepção de psicologia do desenvolvimento (que coloca em perspectiva o ser humano em seu desenvolvimento), bem como a descrição das qualidades inatas pessoais, as predisposições constituintes do dinamismo psíquico e a abertura para a aquisição de novas qualidades. Sawicki (2000, p. XIV, tradução nossa) cita, ademais, “a insistência [de Stein] para priorizar o ‘ego’ pessoal em contraposição ao impessoal [...] e o

foco na energia vital” como ênfases que também a aproximariam da abordagem de William Stern. A autora admite, contudo, que Stein superou Stern na ampliação adquirida por sua teoria quando trata da análise da comunidade.

Paolinelli (2001), por sua vez, concede tônica diversa acerca do período em que Stein estudara com William Stern e das possíveis influências que o psicólogo pudera ter tido sobre ela. Em primeiro lugar, o autor chama de fase pré-fenomenológica de Edith Stein aquele período de convivência entre a filósofa e Stern. Segundo o autor, em um primeiro momento, Edith Stein fora atraída pelo judaísmo secular de William Stern. No entanto, outras impressões deixadas por Stern estavam destinadas a durar¹, seja pelos estudos na área da pedagogia com o Grupo Pedagógico orientado por ele, além do interesse expresso de Stein por psicologia, e por tê-lo inicialmente escolhido por orientador de doutorado, seja por tê-lo considerado anos depois para o pedido de uma vaga de docência na recém-criada Universidade de Hamburgo.

Em Breslau, William Stern se ocupava da filosofia, psicologia e pedagogia. Desde a publicação do primeiro volume de sua obra filosófica, em 1906, havia publicado, entre outras, obras sobre desenvolvimento infantil: *A Linguagem Infantil — uma investigação psicológica e linguística* (Monografia sobre o desenvolvimento mental da criança, v. 1), em 1907, com sua esposa, Clara Stern; *Memória, testemunho e mentira na primeira infância* (Monografia sobre o desenvolvimento mental da criança, v. 2), em 1909, também com Clara Stern; *A psicologia diferencial em seus fundamentos metodológicos*, em 1911; *Pesquisa e ensino para jovens*, com Otto Lippman, em 1912; *Os métodos psicológicos de teste de*

¹ Também permanecera a impressão que Stein deixara em Stern. Em uma carta endereçada ao seu amigo filósofo Jonas Cohn, que lecionava em Friburgo, no período em que lá estava Edith Stein, em 1917, Stern escrevera: “Jetzt ist eine ehemalige Schülerin von mir in Freiburg, die du natürliche schon kennen gelernt hast. Edith Stein. Sie ist ein sehr stiller Mensch, aber wie ihre Doktorarbeit zeigt, ausserordentlich scharfsinny und in die Gedankengänge ihres Meisters augenscheinlich vorzüglich hineingewachsen. Hat sie Aussicht, in Freiburg weiterzukommen? [Encontra-se agora em Friburgo uma antiga aluna minha que você naturalmente já conheceu. Edith Stein. Ela é uma pessoa muito retraída, mas como mostra sua tese de doutorado extremamente afiada e esplendidamente desenvolvida óbvio que de acordo com os pensamentos do seu Mestre [Husserl]. Essa perspectiva [fenomenologia] tem progredido em Friburgo?]” (Lück & Löwisch, 1994, p. 108). Esse trecho da carta mostra, ademais, que Stern, além de conhecer a fenomenologia husserliana, tinha lido a tese de doutorado de Stein sobre o problema da empatia.

inteligência e sua aplicação a crianças em idade escolar, em 1912. Stein entra em contato com algumas dessas obras pela leitura das mesmas (em sua obra “Contribuições”, de 1922, e na *Estrutura da pessoa humana*, de 1932, ela citou a “Psicologia Diferencial” de Stern) e pelas aulas expositivas de Stern, como descreveu em sua autobiografia (STEIN, 2010a).

Paolinelli (2001, p. 79-80, tradução nossa) sustenta que a jovem estudante expressava uma particular visão de mundo que contemplava uma “atitude mental, cultural e espiritual” e que este posicionamento sustentará inclusive sua escolha por bases mais sólidas como a fenomenologia — e, posteriormente, o próprio Cristianismo. Incluída nessa visão de mundo, estava um senso de autonomia, um “sério empenho pessoal de busca intelectual, e de adesão com a vontade àquela ‘verdade’ ética que ela crê capaz de dar sentido e plenitude à vida”².

Stein relatou ter dedicado grande parte de sua vida acadêmica às pautas do Grupo Pedagógico. Em suas palavras, tratava-se de “um grupo de jovens aos quais devo o mais valioso [período] da minha etapa estudantil em Breslau” (STEIN, 2002, p. 303, tradução nossa). O Grupo era composto, segundo as palavras de Stein (2002, p. 303, tradução nossa):

Principalmente de alunos e alunas procedentes do seminário de Stern. Estes futuros mestres e mestras consideravam insuportável que na Universidade não se fizesse nada específico para a preparação daqueles que mais tarde haveriam de exercer o ensino. Certamente havia classes teóricas de pedagogia e a necessidade de aprovação na prova do Estado exigia alguns conhecimentos dessa matéria; mas não se prestava uma viva atenção às grandes interrogações pedagógicas e nem à prática escolar. [...] Assim esses jovens começaram a tentar a se ajudar uns aos outros. Stern, com sua bondade característica, dispôs o seminário de psicologia como o lugar de reunião.

² Stein (2002; 2010a) escreveu que nessa época era movida por um forte idealismo (que não deve ser entendido no sentido filosófico) ético que a orientava na busca do bem e do verdadeiro. Por esta razão, desenvolveu grande interesse pela política, válida de sua paixão pelas disciplinas históricas que, segundo nos relata, impulsionava uma “participação apaixonada nos sucessos políticos presentes, como uma história que está sendo realizada. [Além de uma] extraordinária e forte consciência de responsabilidade social, um sentimento em favor da solidariedade com todos os homens, mas também a comunidades pequenas” (STEIN, 2002, p. 302, tradução nossa).

William Stern participava das reuniões ao menos uma vez por semestre. O Grupo promovia visitas a instituições escolares de crianças deficientes, abandonadas e reformatórios (STEIN, 2002, p. 305). Foi a partir de sua participação ativa nesse Grupo que ela pôde aprimorar suas críticas à psicologia daquele período.

Segundo Stein, Stern “representava um tipo específico do humanismo judeu”. Ela recorda “seu rosto pálido rodeado de uma barba castanha; os olhos inteligentes e bondosos e a expressão de seu rosto e o som de sua voz sumamente doces e afáveis”. Ademais, ainda que se ocupasse cada vez mais da psicologia experimental, criticava o crescente distanciamento desta ciência com a filosofia e “afirmava sempre que era filósofo no mais profundo de seu coração [...] e que sua grande obra filosófica *Person und Sache* lhe era mais importante que tudo o mais” (STEIN, 2002, p. 308, tradução nossa).

O reconhecimento da comunidade científica de então pelos trabalhos do professor, contudo, não provinha de seus escritos filosóficos, mas de seus trabalhos sobre a linguagem infantil e o pensamento na primeira infância — obras cujas traduções foram editadas “em todos os idiomas cultos”, segundo Stein (2002, p. 308, tradução nossa). Ela também destacou o método adotado por seu professor quando da elaboração de suas principais obras sobre o desenvolvimento infantil, que constava da observação de seus próprios filhos e da anotação das mesmas em “minuciosos diários [produzidos por] sua inteligente e encantadora esposa [Clara Stern], que era sua mais fiel colaboradora” (STEIN, 2002, p. 308, tradução nossa).

Para Paolinelli (2001, p. 86), as experiências de Stein neste período evidenciam a visão de mundo da autora em conformidade a um rígido senso de moralidade, busca do bem (comum, político) e do verdadeiro e também pela busca de uma harmonia estética. Poderíamos afirmar que, nesse sentido, Stein inseria-se plenamente em conformidade com o contexto cultural do pensamento alemão de sua época (RINGER, 2000).

Ao testemunhar a Primeira Guerra, Stein aos poucos abandonou o idealismo ético por encontrar-se diante da contradição devido ao reconhecimento da impotência humana em salvar-se a si mesmo, por meio

da evidenciação dos limites das próprias capacidades e da própria vontade. Não é de se espantar, porém, que esta visão de mundo estivesse difundida na cultura acadêmica alemã naquele período em que se creditava confiança plena nas faculdades espirituais humanas — compreende-se aqui plena confiança na razão (RINGER, 2000). Stein sintetiza essa visão anos mais tarde, com a intenção de apontar as deficiências de tal concepção para a educação dos jovens (STEIN, 1932; 2010c).

Edith Stein buscou superar os limites do idealismo ético, muito difundido na cultura alemã do início de século XX. William Stern, por sua vez, não pôde enxergar para além dele, o que pode ser reconhecido na sua procura sistemática por uma *Weltanschauung*. Para o autor, esta compreendia um retorno à metafísica como disciplina que englobasse a vida e as produções filosóficas e científicas humanas (STERN, 1930).

William Stern e a busca por uma *Weltanschauung*

A *Weltanschauung* que Stern propunha admitia uma reformulação dos problemas filosóficos esboçados até então a partir da Idade Moderna, com a cisão promovida por Descartes entre alma (espírito) e corpo (natureza). Para o autor, em suas palavras, “a necessidade de uma orientação filosófica apareceu-me não somente como um desejo [próprio] subjetivo, mas como uma desesperada necessidade daquele tempo” (STERN, 1930, p. 352, tradução nossa). Stern se referia às concepções epistemológicas que sugeriam cada vez mais uma separação não apenas entre a psicologia científica e a filosofia, mas também em relação ao próprio objeto psicológico, cuja consideração se via às voltas da atomização, ou seja, da fragmentação do objeto inteiro em suas partes constitutivas menores, por um lado; e da afirmação de uma unidade abstrata sustentada por leis causais expressas matematicamente, por outro. Em suas palavras, no primeiro caso, “a heterogeneidade em retalhos parecia destruir toda possibilidade de unidade; no segundo, a falácia da [busca por uma] simplificação excessiva privava a realidade de sua totalidade; ciência e vida eram ou divididas ou esvaziadas de seus conteúdos” (STERN, 1930, p. 352, tradução nossa).

A sua *Weltanschauung* assumia contornos idealistas — no sentido anteriormente citado, não em termos filosóficos, mas um posicionamento diante da existência —, na medida em que pautava-se na defesa de postulados da cultura dos intelectuais alemães da época, principalmente, a supremacia do *Geist* e a luta pela superação do tecnicismo mecanicista. Baseava-se no resgate de uma metafísica, porém, de uma metafísica crítica, que contemplasse “[...] não as causas da realidade, mas o seu significado” (STERN, 1930, p. 352, tradução nossa). A época, contudo, era hostil a esse tipo de abordagem, seja devido ao predomínio das influências das ciências naturais, seja devido ao ranço da própria filosofia que há muito havia abandonado enfoques metafísicos.

A proposta de Stern representou uma novidade, não devido à repetida tese da realidade dual, ou seja, a colocação da mesma realidade em termos sempre dualistas (espírito/matéria, alma/corpo, psíquico/físico, idealismo/materialismo, por exemplo), mas ao fato de ter colocado tais questões exatamente no centro da proposta (PAOLINELLI, 2001). Sem recusar totalmente os determinismos mecanicistas dos objetos impessoais, mas enfatizando a sua complementariedade com os elementos pessoais, ele não descartou as dualidades entre a ordem de coisas impessoais e aquelas pessoais. Stern colocou no âmago de sua *Weltanschauung* uma concepção de pessoa desvinculada de uma definição “fenomenológica”, ou seja, referente à especificação do sujeito pessoal como sujeito consciente.

Para Stern, a definição de Pessoa engloba *também* o sujeito humano consciente, mas não apenas. “A pessoa é um ser existente tal que apesar da pluralidade de suas partes, constitui uma unidade real, única, dotada de um valor próprio e, como tal, apesar da pluralidade das funções de suas partes, realiza uma atividade própria unitária e [com uma finalidade] determinada” (STERN, 1906, p. 16, tradução nossa). Ele enquadra a pessoa nos termos de uma *unitas multiplex*, devido a essa constituição plural e, no entanto, unitária. Isso significa que pessoa denomina todo ser existente que, mesmo constituído por inúmeras “partes”, constitui uma unidade — para além das mesmas partes — que é dotada de um valor próprio, além de ter a sua existência voltada a alguma meta (e, com isso, Stern afirma o sentido teleológico de toda

existência pessoal). Segundo ele, o termo “pessoa” não se identifica nem com a substância material (por exemplo, com o corpo) e nem com a anímica (psique ou espírito) e nem mesmo com a consciência. Denota, ao contrário, um âmbito próprio do Ser que é ontologicamente neutro.

O seu postulado fundamental propõe também o esclarecimento daquele nível da existência que se encontra no polo oposto, ou seja, o nível impessoal, o das “coisas”. “A coisa é o contrário da pessoa. É um ser existente que, formado de múltiplas partes, não constitui uma unidade real, única e dotada de um valor próprio, e que, funcionando em múltiplas funções, não exerce uma atividade própria, unitária e voltada a um determinado fim” (idem). A *Weltanschauung* proposta por Stern parte de contrários pré-estabelecidos: pessoa e coisa, alma e corpo, unidade e agregados, atividade e passividade, teleologia e mecanicismo, constituição valorativa intrínseca ou não. Contudo, almeja transcender esta tese, afirmando a unidade da Pessoa, em cujo Ser integra toda a dualidade.

Em *Person und Sache*, Stern (1906) retomou o problema filosófico antigo acerca das divisões estabelecidas entre os domínios “ontológicos” cartesianos (resultado do dualismo entre mente e corpo) e que resultaram na separação desses domínios — cuja consequência epistemológica originara as múltiplas propostas de se abordar o objeto psíquico no século XIX, tal como lamentava Stern também em sua autobiografia. Ele retoma a discussão de que, a partir daquele momento, as diferentes epistemologias ora enfatizavam o estabelecimento dos aspectos naturais (físicos ou corpóreos) em detrimento dos espirituais, ora realizavam o contrário. Entretanto, naquele momento, os aspectos espirituais (gnosiológicos) que estavam sendo priorizados enfatizavam mais os caracteres fenomenológicos (as discussões limitadas ao âmbito dos conteúdos da consciência do sujeito cognoscente, ou seja, das suas representações mentais³), deixando de lado outras qualidades

³ O que Stern chama de fenomenológico não se refere à fenomenologia de Husserl, mas antes, às doutrinas psicologistas daquele século. A este respeito, ele afirma: “Não se deve acreditar que a atividade da minha ciência especial no campo da psicologia forneça uma alteração no sistema — do Personalismo Crítico. Pelo contrário: eu luto contra o psicologismo que almeja tornar a ciência da consciência dona da filosofia e [quero] ordenar as categorias psicológicas como bastante secundárias em relação à metafísica, já que estas são ao mesmo tempo, metapsíquicas” (STERN, 1906, p. vii).

espirituais, tais como aquelas que fazem referência à individualidade (unidade anímica que corresponde ao caráter, em contraposição ao corpo, indiferente agregado de matéria), às questões teleológicas (o espírito visa a uma finalidade, enquanto o corpo está submetido a leis mecânicas) e às questões axiológicas (o espírito é a referência valorativa e portador, ele mesmo, de valor; em oposição à neutralidade do corpo), as quais ele busca retomar com a proposta do Personalismo Crítico.

Stern descreveu seu Personalismo Crítico como um sistema filosófico realista. A premissa básica desse sistema, nas palavras de Stern, é sustentar que “a cosmologia, a ciência e a vida devem ter suas raízes na metafísica, e que a categoria fundamental para o tempo presente e o próximo dever ser àquela da ‘pessoa’” (STERN, 1930, p. 368, tradução nossa). Ele esclarece que por metafísica, quer dizer “não a posse completa da verdade, mas uma fé na busca do ser e do valor; eu creio num mundo que ao mesmo tempo existe e é portador de valor; e eu busco esse mundo” (STERN, 1930, p. 368, tradução nossa).

Em termos das implicações epistemológicas derivadas dessa concepção, Stern reafirma a premência de uma criticidade da metafísica, por meio da qual se almeja buscar o valor e o significado do mundo. Trata-se da consideração de um a priori da existência real do mundo e do valor da verdade dessa proposição, porém não ingênua, mas orientada de forma consciente como tal. O mundo concreto transcende a consciência do sujeito que o conhece e é passível de ser descrito, por meio de progressivas aproximações. Além disso, para o autor, o conhecimento desse mesmo mundo pressupõe a transcendência da oposição entre o conhecimento empírico *versus* o racional. Para Stern, tanto o racionalismo quanto o empirismo abarcaram uma compreensão inadequada do problema do conhecimento, pois partiram de uma concepção impessoal do mesmo: “a totalidade individual concreta permanece fora da esfera de sua aplicação” e, nesse sentido, “diversos possíveis objetos do conhecimento (especialmente históricos e culturais, mas também alguns objetos de outras ciências) permanecem epistemologicamente desabrigados” (STERN, 1930, p. 369-370, tradução nossa). Por essa razão, o Personalismo Crítico dialoga com aquelas tendências da teoria do conhecimento que admitem outras categorias de compreensão, como

as que enfatizam a intuição, a fantasia, a criatividade e a concepção holística da apreensão do mundo.

Por fim, esse sistema não descarta a categoria da substancialidade, pois entende que esta foi substituída por aquela da funcionalidade, o que gerou o declínio epistemológico refletido na supremacia de concepções abstratas e impessoais nas teorias do conhecimento — e, portanto, abstraídas de sentido e valor. Para Stern, contudo, a categoria da substancialidade está vinculada à fonte da direcionalidade das metas às quais um organismo está voltado, o que abrange *também* as relações funcionais deste mesmo organismo com o meio. As funções derivam o seu significado das substâncias e as substâncias são a meta final das relações funcionais. Nesse sentido, ambas as categorias são indissociáveis e expressam uma terceira categoria, pois denotam uma individualização do objeto. Acresce-se, dessa forma, a categoria da individualidade às outras duas: “não há nada além de uma causalidade substancial e da substância “funcionante” efetiva. [...] A causalidade aqui significa, primariamente, atividade intencional e, somente secundariamente, relações funcionais entre eventos. Assim, a causa final torna-se a forma fundamental [...]” (STERN, 1930, p. 370-371, tradução nossa) da qual é derivado um novo sentido de causalidade, alicerçado em uma legalidade teleológica.

A conclusão de Stern é que os aspectos impessoais das coisas são constituintes da totalidade do Ser pessoal. Com essa asserção, ele acredita ter ultrapassado o antigo dualismo entre matéria e espírito, afirmando a constituição teleomecânica das relações entre o todo e as partes, além da neutralidade psicofísica do Ser. Stern, ademais, defende que o significado dessa neutralidade admite proporções universais e, portanto, uma forma de tratamento própria e diversa da maneira como as relações entre os diferentes tipos de causalidade vinham sendo tratados. Ainda em suas palavras, “a questão em pauta sempre tem sido se o indivíduo vivo deve ser considerado uma junção mecânica de todas as suas partes, ou como portador de uma atividade imanente intencional. Mas a questão, há muito tempo, deixou de estar confinada às fronteiras do domínio biológico e tornou-se um problema da

causalidade natural como tal” (STERN, 1930, p. 374, tradução nossa, grifos do autor).

A tarefa do Personalismo Crítico é demonstrar a autonomia das conexões teleomecânicas em relação àquelas provenientes da dicotomia entre os âmbitos psíquicos e os físicos. O “par” teleologia/mecanicismo, para Stern, possui um significado próprio, que é universal: “[essa] dicotomia encontra-se presente sob diversas denominações e nos mais diversos campos do conhecimento e, portanto, nossa meta deve ser uma solução universal [...]” (STERN, 1930, p. 374, tradução nossa, grifos do autor). Por essa razão, ele destaca que o primeiro passo do sistema é o esclarecimento do fenômeno e explicação acerca do problema da teleologia em si, justamente para diferenciá-la de outros tipos ingênuos de teleologia. O segundo passo é o aprofundamento do significado de “teleomecânico”. Tal forma de causalidade, segundo Stern, é intrínseca à constituição de Pessoa e, portanto, não sugere uma contraposição dualista, mas monista. A teleologia emerge como nível explicativo primário, a partir do qual qualidades dos objetos tais como magnitude, quantidade e uniformidade são explicadas. As explicações teleomecânicas ultrapassam as mecanicistas que, por sua vez, compreendem as mesmas qualidades objetivas como o ponto de partida explicativo nas relações de causalidade. Stern afirma uma ordem (hierárquica) valorativa contrária — que se inicia no Ser Pessoal como totalidade, a partir do qual se fundamentam as partes, e termina com as coisas que, além de estarem submetidas à causalidade mecânica, não possuem valor em si mesmas, mas apenas a partir do todo. Em suas palavras, “a coisa é o oposto do valor; a causa é o oposto do fim” (STERN, 1906, p. 64).

William Stern enfatiza a distinção entre o seu sistema do Personalismo Crítico e o que ele denomina “personalismo ingênuo⁴”, que é também capaz de refletir intuições e simbolizações acerca da “importância essencial do mundo daquilo que é ‘pessoal’” (STERN, 1906, p. 22), mas não chega a sua compreensão conceitual, filosófica e crítica.

⁴ Uma das três formas de lidar com a questão das relações entre pessoa e coisa. As outras duas são o impessoalismo — que compreende um mundo onde tudo é coisificado, que nada possui um princípio explicativo imanente, mas externo a si, e o Personalismo Crítico.

Ele coloca as religiões e as filosofias dualistas nessa categoria. Ademais, o personalismo ingênuo admite que as causalidades ao nível da esfera pessoal ocorrem devido a um fator externo à Pessoa (por exemplo, Deus), enquanto o Personalismo Crítico afirma uma causalidade imanente, ou seja, uma teleologia imanente à Pessoa. Ainda segundo Stern, a crença em postulados anímicos confere validade de existência a uma estrutura que transcende a própria pessoa, transformando-a em parte de si própria, o que resulta em sua coisificação — são-lhe retirados os seus valores próprios. Por isso a sua crítica e afastamento desse nível explicativo da realidade — o Personalismo Crítico deveria ultrapassar as explicações ingênuas da realidade.

A visão de mundo de Stern não almeja a busca de uma verdade em si, mas da verdade para nós: para o homem e para a cultura daquele dado momento histórico, com suas exigências específicas. Isso não quer dizer, contudo, que tal metafísica seja relativista, mas que deve ser expressão do percurso espiritual humano ocorrido até ali, bem como deve ser capaz de fornecer um aparato coerente que sirva para a continuidade da jornada no futuro. O Personalismo Crítico colocou-se também como uma alternativa a postulados do positivismo e do materialismo, da coisificação da natureza e do espírito. Para o autor, a doutrina positivista era incapaz de fornecer uma razão à totalidade da experiência humana (PAOLINELLI, 2001).

Stern (1906, p. 76) descrevera aquele período como uma “época coisal” na qual ocorria uma despersonalização em massa da ciência, mas também da cultura e da vida. O impessoalismo, refletido pelo positivismo e pelas doutrinas naturalistas e materialistas da época, representava um fechamento da realidade, um empobrecimento da mesma e, até mesmo, uma violência, pois omitia (ou era indiferente a) diversos aspectos importantes, como o reconhecimento da existência do mundo dos valores reais. Neste aspecto é possível reconhecer alguma semelhança com a trajetória de Stein e com as críticas que ela realizara à psicologia científica naquele momento histórico.

Com o Personalismo Crítico, Stern pretendeu se acercar de um duplo propósito: o primeiro, de estabelecer seu sistema filosófico como uma nova metafísica que abrangesse uma nova teoria do conhecimento

(de oposição ao positivismo e às filosofias modernas da consciência); o segundo, propô-lo como base para uma nova prática científica, capaz de fornecer fundamentos à psicologia, mas também às ciências humanas, à matemática e as demais ciências exatas.

Paolinelli (2001, p. 119) sustenta que entre Stein e Stern há uma “entonação idealista notadamente anti-materialista, anti-naturalista e anti-mecanicista de suas ideias, que são acompanhadas por uma forte ênfase na centralidade da pessoa e da dimensão do valor, ademais, com a exigência de um empenho por uma realização prática, uma expectativa fundamentalmente otimista na capacidade do homem”. Como já foi dito, Edith Stein, mais tarde, demonstrará ter superado tal visão “idealista”, ao passo que William Stern não conseguirá admitir tal virada (MANGANARO; NODARI, 2014).

A psicologia nas obras de Edith Stein

Se considerarmos os escritos de Stein do período de 1916 a 1932, sua tese doutoral (*O Problema da Empatia*, 1917), “Introdução à Filosofia” (1991/2005a), “Contribuições para a fundação filosófica da psicologia e das ciências do espírito” (1922/2005b; 2010b) e “Estrutura da Pessoa Humana” (1932/2010c), podemos encontrar nelas uma apresentação bastante completa da constituição do objeto da psicologia, bem como apontamentos sobre os métodos utilizados e as relações com as demais ciências. Podemos citar aqui a necessidade de métodos diversos que contemplem a variedade das vivências humanas, de modo que a ciência psicológica possa considerar o caráter mecânico da psique, mas também as conexões de sentido que a constituem. Neste ponto, enfatiza-se a premência de uma abertura das diversas escolas psicológicas no diálogo umas com as outras e também com as outras ciências, sejam elas naturais ou humanas.

Na obra *Sobre o problema da empatia* Stein define essa vivência como ato intencional da consciência que proporciona as condições para o conhecimento das outras pessoas e também a base para o conhecimento intersubjetivo do mundo. Baseado na percepção, esse

ato intencional nos possibilita reconhecer outras pessoas em suas respectivas vidas espirituais e psicológicas. Por meio da empatia é possível reconhecer a experiência corpórea (corporeidade) de outras pessoas, como uma encarnação viva repleta de significado. Esse reconhecimento é o movimento inicial da apreensão empática, que permite a subsequente coapreensão da intencionalidade dos atos de outras pessoas e é, portanto, fundamental nas considerações metodológicas da psicologia.

Na obra “Introdução à Filosofia”, a ênfase recai na definição de subjetividade alicerçada na unidade entre a experiência interna e externa. A fundamentação filosófica acerca do conceito de subjetividade resultou da análise fenomenológica minuciosa sobre a estrutura essencial da natureza e possibilidade de apreensão/conhecimento da mesma. A subjetividade, segundo a filósofa, compreende a constituição tripartida da pessoa humana, em seu aspecto corpóreo, psíquico e espiritual, de modo que o corpo vivo, a estrutura que faz parte da natureza, evidencia a unidade entre o corpo físico e a psique, a experiência interna e a externa dos organismos. A subjetividade é fruto também da presença indelével do espírito humano, responsável pela modulação daquilo que torna as pessoas o que elas são, ou seja, o caráter/personalidade de um indivíduo. Por esta razão, não se limita apenas ao seu temperamento ou aos comportamentos afetivos e reativos (que também se encontram presentes nos animais), mas é fruto das capacidades de juízo, avaliação/valoração, intencionalidade de que o ser humano dispõe de maneira livre.

A obra “Contribuições para a fundação filosófica da psicologia e das ciências do espírito” apresenta diversas implicações para a psicologia científica: sua análise pormenorizada da estrutura da psique, bem como seus modos de funcionamento e leis às quais está submetida (causais ou motivacionais) pode esclarecer às diversas abordagens atuais da psicologia os seus acertos e suas faltas (por exemplo, na explicitação de um determinismo psíquico — determinismo este presente em algumas abordagens da psicologia, tais como a psicanálise freudiana, a análise experimental do comportamento ou a psicologia cognitiva — porém, atestando também os limites do mesmo). Interessante se

faz notar que a própria Stein busca tais diálogos com diversos autores (William James, Wilhelm Wundt e Hugo Münsterberg) nesta sua obra, valorizando pontos e intuições explícitas presentes em algumas propostas, mas também apontando lacunas.

Na obra “Estrutura da Pessoa Humana”, Stein não somente retoma e aprofunda as análises anteriormente realizadas acerca da constituição tripartida da Pessoa, mas introduz o tema a partir de suas preocupações com a pedagogia e com as diversas concepções de pessoa que legitimam diferentes práticas pedagógicas. Na introdução desta obra, Stein afirma que todas as ciências que lidam com pessoas carregam, ainda que de maneira não consciente, uma concepção de Pessoa a partir da qual elaboram e sustentam suas teorias. Isso possui implicações nos âmbitos aplicados das ciências. Citando o caso da pedagogia, Stein critica as visões idealista, psicanalista e existencialista, que a norteiam, seja por apresentarem uma visão bastante negativa do homem e da vida sem horizonte ou esperança (como é o caso das últimas duas), ou positiva demais (como no caso do idealismo) na crença na humanidade — lembremos que Stein publicou essa obra em 1932, década da ascensão do nazismo ao poder e do início da Segunda Grande Guerra; o idealismo alemão, principalmente, segundo a autora, falhara na educação dos jovens. Além disso, nesta obra, Stein se dedica a uma análise do núcleo ou a alma da Pessoa humana. Stein define o núcleo como a origem a partir da qual a vida emerge em sua constituição psicofísica e espiritual. Ele contém em si as metas e a direção para o desenvolvimento da Pessoa e, aponta, portanto, à questão da individuação de um caráter pessoal (ou personalidade).

Depreende-se, dessa forma, que o conjunto das obras citadas são notáveis e o percurso realizado por Stein em cada uma delas é consistente, uma vez que se orientam na direção do postulado da fundamentação da psicologia a partir do conceito de Pessoa.

Edith Stein e William Stern: um diálogo possível?

O presente artigo teve como objetivo apresentar uma discussão acerca do objeto psíquico segundo dois autores alemães do início do século XX, cujas produções científicas e filosóficas voltaram-se para a problematização de uma nova ciência. As semelhanças temáticas entre os autores são notáveis. As pesquisas que contemplam as relações teóricas entre Edith Stein e William Stern são, contudo, escassas. Foi possível, contudo, evidenciar possibilidades de diálogo entre a proposta fenomenológica de Edith Stein no que concerne à fundamentação da psicologia científica e algumas questões epistemológicas que William Stern buscou responder ao longo de sua trajetória intelectual.

Como já foi expresso, o ponto principal de encontro é a proposta de fundamentação da psicologia a partir do conceito de Pessoa. Se as definições divergem, contudo, o ponto de partida é compartilhado: as preocupações com a redução da ciência da alma ao mecanicismo das ciências da natureza. Porém, alma e natureza não seriam objetos incompatíveis. Necessário é esclarecer quais aspectos da pessoa são passíveis de uma análise causal mecanicista e quais ultrapassam esse tipo de legalidade, sendo compreensíveis apenas a partir de um novo modelo científico, sejam as relações da motivação que orientam a vida psíquica e espiritual ou aquelas relações teleológicas, que necessitam de uma totalidade pessoal como a base a partir da qual emergem.

As semelhanças entre ambos os autores contemplam, além do referido pilar desta ciência — a Pessoa —, apontamentos sobre os objetos e as conseqüentes considerações metodológicas necessárias para a prática científica. Objeto relevante a ser destacado é a dimensão da individualidade humana. Stern propôs uma metodologia específica da psicologia diferencial como tentativa de abranger tal temática. Estando ciente das limitações daquela, buscou adequar seus métodos de estudo (concernentes, em princípio à psicologia do desenvolvimento infantil) ao sistema filosófico concomitantemente desenvolvido, o Personalismo Crítico. Por sua vez, Stein esclarecia, do ponto de vista filosófico e

fenomenológico, a estrutura da pessoa humana, que incluía o aspecto da individualidade em sua constituição essencial.

A Pessoa não é apenas um constructo fenomenológico ou metafísico — o é enquanto ponto de partida para a psicologia — mas um ser real inserido em meio ao plano natural e também/sobretudo cultural. Sua personalidade está em constante desenvolvimento. Cabe diferenciar aqui a palavra “desenvolvimento” da palavra “construção”. O mérito da explicação cabe à Edith Stein e sua concepção de alma da alma ou núcleo pessoal — origem da individualidade. Segundo a autora, o desenvolvimento (integral) da pessoa é influenciado pelas contingências do mundo externo, não sendo diretamente determinadas por elas, mas moldadas pelo núcleo, de modo que o mesmo constitui o mediador entre as primeiras e o mundo. Por esta razão, é o núcleo que determina a evolução e as modificações que ocorrem na totalidade do ser. Stern, por sua vez, contemplou a explanação do tema da individualidade a partir de seus estudos sobre os “traços” (Merkmal) individuais. Mas qual a origem de tais traços senão o núcleo da pessoa?

Outro ponto interessante a ser destacado diz respeito às considerações metodológicas propostas pelos autores. Um exemplo refere-se à obra de Stern sobre o desenvolvimento infantil mencionada na autobiografia de Stein. Neste estudo, Stern apresentou análises sobre processos infantis baseadas na observação de seus filhos, nas anotações presentes nos diários escritos por sua esposa e na elaboração de pequenos “experimentos” realizados pelo casal com seus três filhos. As considerações acerca da metodologia utilizada pelo autor atestam que os procedimentos utilizados foram adequados (acomodados) ao objeto estudado (no caso, a memória, o testemunho e a mentira na infância), mas também aos sujeitos, respeitando a individualidade de cada criança, como o próprio Stern apontara em suas considerações. Ademais, destaca-se a corajosa afirmação do autor de que os psicólogos cientistas deveriam conhecer os sujeitos com os quais trabalham e, não apenas isso, mas estabelecer um relacionamento amistoso com tais sujeitos — afirmação que se opõe totalmente à neutralidade científica pregada pela concepção de ciência vigente na época. Edith Stein defendera semelhante posicionamento a

respeito da metodologia da psicologia que levasse em consideração a convergência entre cientista e objeto de estudo, ou seja, a mesma negação da neutralidade científica.

A proposta de retomar as discussões acerca da definição do objeto da psicologia e, a partir disso, dos métodos mais adequados para estudá-lo, possui significativa relevância para a psicologia atual, herdeira de circunstâncias históricas e filosóficas que imprimiram nela efeitos prejudiciais a uma compreensão mais fidedigna de seu lugar epistemológico.

Considerações finais

Consideramos que a retomada histórica desta discussão visa a problematização da psicologia atual, que tem se deparado com questionamentos de natureza filosófica e epistemológica que permanecem ainda sem uma resolução satisfatória no âmbito científico, apesar de todo o aparato técnico e metodológico logrado há desde mais de um século de seu estabelecimento enquanto área autônoma da filosofia. Edith Stein e William Stern advertem-nos para uma verdade atemporal a respeito dessa ciência: não há como separá-la da filosofia sem reduzi-la, por um lado, ao naturalismo cientificista (representado atualmente pelo campo das neurociências) e, por outro, às ciências humanas (hoje orientadas pelos movimentos pós-estruturalistas relativistas). Somente uma elaboração filosófica (rigorosa) do conceito de Pessoa poderá integrar natureza e cultura sem reduzir uma à outra e, portanto, fornecer à Psicologia uma fundamentação válida e autonomia no diálogo com as demais ciências naturais ou culturais.

Referências

- LÜCK, H. E.; LÖWISCH, D. J. *Der Briefwechsel zwischen William Stern und Jonas Cohn: Dokumente einer Freundschaft zwischen zwei Wissenschaftlern*. V. 7 de Beiträge zur Geschichte der Psychologie. Universidade de Michigan: P. Lang, 1994.
- MANGANARO, P.; NODARI, F. (Ed.). *Ripartire da Edith Stein. La scoperta di alcuni manoscritti inediti*. Brescia: Editora Morcelliana, 2014.
- PAOLINELLI, M. *La ragione salvata. Sulla "filosofia Cristiana" di Edith Stein*. Milão: Editora Franco Angeli, 2001.
- RINGER, F. K. *O declínio dos mandarins alemães — a comunidade acadêmica alemã, 1890–1933*. Trad. Dinah A. Azevedo. São Paulo: Edusp, 2000.
- SAWICKI, M. Editor's introduction. In: STEIN, E. *Philosophy of Psychology and the Humanities*. Trad. Mary Catharine Baseheart e Marianne Sawicki. Washington: ICS Publications, 2000.
- STEIN, E. *Zum Problem der Einfühlung*. Halle: Buchdruckerei des Waisenhauses, 1917.
- STEIN, E. Vida de una familia judía. In: STEIN, E. *Obras completas: Escritos autobiográficos y cartas*. v. I. Trad. J. G. Rojo et al. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2002. (Originais de 1933 e 1939, publicação póstuma em 1964).
- STEIN, E. Introducción a la Filosofía. In: STEIN, E. *Obras Completas: Escritos Filosóficos etapa fenomenológica*. v. II. Trad. F. J. Sancho, OCD et. al. Rev. J. Urkiza, OCD. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2005a. (Original de 1991, publicação póstuma).
- STEIN, E. Causalidad Psíquica. In: STEIN, E. *Obras Completas: Escritos Filosóficos etapa fenomenológica*. v. II. Trad. F. J. Sancho, OCD et. al. Rev. J. Urkiza, OCD. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2005b. (Original de 1922).
- STEIN, E. *Aus dem Leben einer jüdischen Familie und weitere autobiographische Beiträge*. Gesamtausgabe – ESGA, v. 1. Freiburg: Herder, 2010a. (Original de 1933).

STEIN, E. *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*. ESGA, v. 6. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder GmbH, 2010b. (Original de 1922).

STEIN, E. *Der Aufbau der menschlichen Person*. Edith Stein Gesamtausgabe – ESGA, v. 14. Freiburg: Herder, 2010c. (Original de 1932).

STERN, W. *Person und Sache: System der philosophischen Weltanschauung*. Erster Band: Ableitung und Grundlehre. Leipzig: Barth, 1906.

STERN, W. *Autobiography*. In: MURCHISON, C. (Ed.). *A history of psychology in autobiography*. v. 1. Worcester: Clark University Press, 1930. p. 335-388. (Original de 1927).

Recebido: 05/10/2017

Received: 10/05/2017

Aprovado: 28/10/2017

Approved: 10/28/2017